

A GEOGRAFIA DA PROFI- CIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA PARA A PESQUI- SA SOBRE O EFEITO-VIZIN- HANÇA NO DESEMPENHO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS URBANAS.

Sérgio Cândido de Oscar
Rede de Pesquisa e Formação em Edu-
cação - REPEd
sergiooscar@reped.org
Antonio Gabriel Rosa Loures
Prefeitura de Juiz de Fora
gabgeo@ig.com.br

RESUMO

O estudo do espaço urbano e as relações de desigualdade entre as comunidades e bairros que o compõe, oferecem pistas sobre como a escola se insere nesse espaço e o reproduz internamente nos diferentes contextos impostos pela realidade das cidades. Neste estudo preliminar, levantamos alguns dos mais recentes estudos brasileiros que demonstram o efeito-vizinhança no desempenho de estudantes da educação básica e buscamos encontrar e discutir possíveis contribuições teóricas e metodológicas da Geografia, mais especificamente da Geografia Urbana e suas bases para a explicação desses fenômenos.

Palavras-chave: Geografia Urbana, desigualdade, educação, efeito-vizinhança, estrutura de oportunidades.

RESUMEN

La geografía de la competencia: Contribuciones de la Geografía a la investigación sobre el efecto-barrio en el desempeño de los estudiantes de las escuelas públicas urbanas.

El estudio del espacio urbano y las relaciones de desigualdad entre las comunidades y los barrios que los componen ofrecen pistas sobre cómo la escuela se encuentra dentro del espacio urbano y lo reproduce en diferentes contextos que impone la realidad de las ciudades. En este estudio preliminar, se levantan algunos de los estudios brasileños más recientes que demuestran el efecto de vecindad en el desempeño de los estudiantes de educación básica y tratan de reunirse y discutir posibles aportes teóricos y metodológicos de la geografía, y más concretamente la geografía urbana y su base para la explicación de estos fenómenos.

Palabras clave: Geografía Urbana, la desigualdad, la educación, el efecto-barrio en la estructura de oportunidades.

ABSTRACT

The Geography of proficiency: Contributions of Geography to research on the neighborhood-effect in the student performance of urban public schools.

The study of urban space and the relations of inequality between communities and neighborhoods that comprise us, offer clues about how the school is within the internal urban space and how the school play in different contexts imposed by the reality of cities. In this preliminary study, we raise some of the most recent Brazilian studies that demonstrate the effect-neighborhood in the performance of students of basic education and seek to meet and discuss possible theoretical and methodological contributions of geography, more specifically the urban geography and its basis for the explanation of these phenomena.

Keywords:

Keywords: Urban Geography, inequality, education, neighborhood-effect in the structure of opportunities.

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E A ESCOLA

Grande parte da discussão sobre o baixo desempenho que os estudantes brasileiros têm apresentado nas avaliações em larga escala aplicadas pelos governos federal, estadual e também por alguns municípios tem como foco de análise os fatores intra-escolares como, por exemplo, a gestão ou a atuação dos professores. Em muitos estudos, apresentados na última década, questões relativas à desigualdade socioeconômica, embora sempre presentes, têm sido deixados em repouso, mesmo quando estes fatores possuem fortes argumentos explicativos. Os recentes estudos que vêm surgindo sobre o efeito-vizinhança, proporcionam um novo leque de pesquisas que possibilitam juntar outros argumentos explicativos para o baixo desempenho da maioria dos estudantes que habitam as periferias das cidades brasileiras.

SEGREGAÇÃO ESPACIAL E A ESTRUTURA DE OPORTUNIDADES

A segregação espacial e a pobreza aparecem como mecanismos que proporcionam a população o acesso diferenciado às estruturas de oportunidades existentes na sociedade e na cidade. Dentro dessa estrutura, estão às oportunidades educacionais que para a maior parte da população pobre das cidades brasileiras é materializada na escola pública mais próxima de seu local de residência, pela condição de acesso a estas escolas e pelos meios de transporte.

As áreas mais pobres e segregadas são as que teoricamente possuem os alunos que necessitam de maior atenção e apoio do Estado, mas geralmente são as que abrigam as escolas com pior infraestrutura e professores menos experientes. Para o sociólogo Francês François Dubet “A geografia social da escola pouco a pouco se transformou, com a concentração dos problemas sociais nos bairros “difíceis”” (Dubet, 2003, p. 37). Mesmo reconhecendo o efeito-vizinhança na escola, este autor

concentra sua pesquisa nos mecanismos intra-escolares para o combate a exclusão. Nesse sentido, as escolas, recebem a incumbência de criar um ambiente capaz de reduzir a desigualdade educacional. Lançando nosso olhar para fora da escola, é fácil perceber que as condições socioeconômicas precárias impactam os grupos segregados social e espacialmente e que este entendimento é importante para orientar estratégias políticas específicas para a educação pública. Veremos que pesquisas já demonstram que esta estrutura de oportunidades possui aspectos muito mais complexos e que vão além dos fatores intra-escolares.

No Brasil, embora as pesquisas sobre efeito-bairro ou efeito-vizinhança na educação sejam bastante recentes, existem trabalhos que trazem importantes contribuições para o debate deste tema. Dentre os trabalhos mais expoentes, o livro “A Cidade contra a Escola?”, organizado por Ribeiro & Kaztman (2008), apresentou uma coletânea de artigos que tratam questões afins ao tema e atraído o interesse de novos pesquisadores para estudar estas questões.

Nesta obra, estudo apresentado por Alves et al (2008), analisa a relação entre os diferentes riscos de defasagem idade-série de crianças entre 7 e 17 anos, e identifica diferentes contextos sociais decorrentes dos processos de segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro. Os autores demonstram estatisticamente a associação entre moradia em favela e maior risco de defasagem série idade, bem como maior risco de distorção idade série e evasão escolar para moradores de favelas localizadas em bairros abastados. Entre as hipóteses explicativas para estes fenômenos, os autores apresentam a relação com os efeitos da segregação espacial sobre o capital social da população pobre.

Ainda, na mesma obra organizada por Ribeiro & Kaztman (2008), outros estudos realizados em São Paulo e Belo Horizonte, e também em países latinoamericanos como Argentina, Chile, Uruguai e México, reforçam o efeito da concentração popu-

lacional, das contradições sociais e da desigualdade que se (re) produz com a ausência de políticas locais voltadas às zonas de exclusão.

Em trabalho ainda mais recente, um grupo de pesquisadores ligados ao Observatório das Metrôpoles¹ lançou a obra “Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares”, organizada por Ribeiro, Koslinski, Alves e Lasmar (2010). Neste livro, são apresentados estudos com a utilização de ferramentas estatísticas e de geoprocessamento.

Nesta obra, o artigo elaborado por ALVES et al (2010), utiliza modelos estatísticos e ferramentas de geoprocessamento para realizar o levantamento e mapeamento dos mecanismos educacionais de estratificação social do município do Rio de Janeiro. Também neste artigo é possível visualizar inovações com o uso do geoprocessamento na pesquisa em educação e do conceito de *Geografia Objetiva de Oportunidades*, quando os autores conseguem mapear dados relativos à demanda e oferta do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro. Embora no Brasil, a pesquisa sobre a Geografia das Oportunidades Educacionais ainda seja propedêutica, em países como os EUA e Inglaterra, estes estudos encontram-se mais avançados. Destacamos aqui o trabalho de Galster & Killen (1995) realizado nos Estados Unidos. Reconhecemos que o objeto e os objetivos dos estudos desses autores não podem simplesmente serem transportados para a realidade brasileira, mas, consideramos que estes pesquisadores norte-americanos trazem importantes contribuições sobre os conceitos de *oportunidade* e *estrutura de oportunidades*. Em seu estudo “*The Geography of Metropolitan Opportunity: A Reconnaissance and Conceptual Framework*”

1 Grupo de pesquisa e formação funcionando na forma de um instituto virtual, reunindo mais de 200 pesquisadores de 51 instituições dos campos universitário (programas de pós-graduação), governamental (fundações estaduais e prefeitura) e não-governamental, sob a coordenação conjunta do IPPUR - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional.

Galster & Killen apresentam um quadro conceitual para a oportunidade metropolitana e um modelo de tomada de decisão individual sobre questões que afetam o *status* do futuro socioeconômico dos jovens pobres norte-americanos.

Para os autores, a tomada de decisão dos jovens sofre influências do contexto geográfico onde os mesmos estão inseridos. Considerando as variações espaciais existentes na região metropolitana e a estrutura dos sistemas sociais de oportunidade como os mercados e instituições que interferem na mobilidade social, os autores entendem que as decisões são baseadas em valores, aspirações, preferências e percepções subjetivas de resultados, que são moldados pela rede social local composta por parentes, vizinhos e amigos. O método de tomada de decisão varia de acordo com a gama de oportunidades existentes. Aqueles que possuem um menor leque de opções, tendem a adotar um método de escolha onde as possibilidades de erro são menores e onde os resultados são obtidos em curto prazo. Em sua pesquisa, os autores discutem implicações políticas e também encontram provas empíricas de que a rede social local tem um impacto importante sobre a juventude e suas tomadas de decisão sobre a educação, fertilidade, trabalho e crime.

Em nossa análise, a dimensão geográfica discutida por Galster & Killen abre a possibilidade de inúmeras pesquisas nas áreas urbanas brasileiras e suas respectivas estruturas de oportunidades.

A GEOGRAFIA DO ESPAÇO URBANO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA COMPREENSÃO DO EFEITO-BAIRRO NA EDUCAÇÃO

A Geografia moderna busca novos paradigmas que contribuam para a pesquisa e para o conhecimento da complexidade do espaço urbano e solução de seus problemas. Estas novas abordagens são bastante recentes, considerando-se que até a metade da década de 1950 predominava nos estudos

de Geografia Urbana a abordagem da cidade de forma estática, sem preocupar-se necessariamente em estabelecer suas relações com outros fatores. Estes estudos eram em sua maioria descritivos, tendo no Brasil a influência do Geógrafo francês Pierre Monbelg. Segundo AB' SABER (1994), Monbelg conseguiu influenciar profundamente seus alunos no terreno da Geografia Urbana incentivando-os a realizarem monografias sobre os núcleos urbanos que melhor conheciam por terem neles nascido ou porque neles desenvolveram atividades de ensino. Nestes estudos, Molbelg introduziu nos estudos urbanos o uso das coordenadas de sítio físico, dados sobre a evolução histórica do assentamento e sua estrutura interna, oferecendo novos suportes as reflexões teóricas e explicativas, caracterizando as cidades através das atividades que nela se desenvolvem: "funções urbanas".

Com a influência da teoria do "lugar central" desenvolvida na área econômica, o enfoque do âmbito intra-urbano deslocou-se para o regional. Esses estudos de centralidade se enquadraram no contexto de renovação da Geografia tradicional brasileira, na metade do século XX. A Geografia brasileira recebeu influências de geógrafos como Pierre George, Jean Tricart e Michel Rochefort. Tricart e Rochefort introduziram o tema da rede urbana (Corrêa, 1994). A partir daí, dois níveis de abordagem, o intraurbano e o interurbano passaram a ser alvo dos estudos de redes urbanas.

Essa tendência prosseguiu com a introdução de técnicas de análise quantitativa (Geografia Teorética), vindas das influências americanas e inglesas. Segundo Evangelista (2007), a utilização de técnicas quantitativas pelo IBGE nas análises espaciais das diversas regiões brasileiras e nos numerosos tópicos da geografia sistemática foram amplamente influenciadas pelo contato desse órgão com geógrafos estrangeiros. Os geógrafos brasileiros contaram com as visitas dos geógrafos Prof. Brian J. L. Berry da Universidade de Chicago, Prof. Howard Gauthier da Universidade de Ohio e Prof. John P. Cole da

Universidade de Nottingham. Essa nova metodologia possibilitou enfatizar estudos diretamente aplicáveis ao planejamento urbano e regional.

Segundo Gonçalves de Abreu, surge, nos anos 30, a Escola de Ecologia Humana de Chicago, onde a geografia urbana se volta essencialmente para o planejamento urbano. Na década de 50, segundo a mesma autora, uma fase caracterizada pela multiplicidade de referenciais teórico-metodológicos, é desenvolvida para explicar a complexidade urbana. Hoje, os estudos variados possibilitam que a geografia urbana dê respostas mais consistentes às questões urbanas e a cidade passou a ser compreendida dentro dos processos de transformação da sociedade.

Buscamos até aqui, discutir algumas correntes teórico-metodológicas da Geografia Urbana. Pretendemos agora compreender como a Geografia Urbana pode contribuir para o entendimento das diferenças do desempenho escolar dos alunos das escolas públicas em suas respectivas unidades escolares. O chamado "efeito-vizinhança".

A superação dos estudos clássicos de geografia urbana tem-se pautado em questionar o papel efetivo do espaço nas abordagens geográficas. Para Santos, é fundamental a distinção entre o urbano e a cidade:

"O urbano é freqüentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há que confundir. Por isso, na realidade, há histórias do urbano e histórias da cidade. (...) O conjunto das duas histórias nos daria a teoria da urbanização, a teoria da cidade, a história das ideologias urbanas, a história das mentalidades urbanas, a história das teorias" (Santos, 1994. P. 69-70).

O estudo das cidades sempre foi objeto de interesse da Geografia e dos Geógrafos. Este interesse, obviamente intensificou-se a partir do fim do século XIX com o acelerado crescimento das cidades e da maior concentração populacional nas áreas urbanas. A cidade tornou-se o centro da dinâmica es-

pacial e surgiu a ideia de que as cidades formavam um “sistema complexo” e seus estudos passaram a contemplar as relações entre os espaços urbanos. Na ciência geográfica e sem dúvida também na Geografia Urbana, a compreensão dos elementos básicos e suas definições são fundamentais para o emprego de uma metodologia de pesquisa própria para a leitura da realidade. Portanto, alguns conceitos fundamentais como espaço - que nos permite analisar e questionar como estas identidades e territorialidades são expressas e modificam a sua produção, paisagem - que é a base para a leitura de dados empíricos na Geografia e território compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local, e assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente.

Outro conceito fundamental da Geografia e o conceito de escala. Já discutido por diversos autores, destacamos aqui o trabalho de CASTRO (1995), que discute as diferenças entre escala cartográfica e escala geográfica, e suas relações para a pesquisa. Para a autora, a analogia entre as duas escalas, impõe obstáculos para a utilização do conceito de escala para abordar a complexidade dos fenômenos espaciais. Isso reflete na questão metodológica, pois é através da escala que o pesquisador encontra a medida pertinente em relação a um espaço de referência para aproximação do real. A escala constitui-se em uma estratégia de apreensão da realidade. A relevância da escala também está presente na obra de LACOSTE (1989):

“Para a maioria dos geógrafos, a dimensão do território levado em consideração e os critérios dessa escolha, não parecem dever influenciar fundamentalmente suas observações e seus raciocínios. Contudo, basta folhear um manual de geografia ou a coleção de uma revista geográfica para se perceber que as ilustrações cartográficas são de tipos extremamente diferentes, pois essas cartas têm escalas muito desiguais:

algumas são planisférios que representam todo o globo, outras representam um continente; outras, um Estado (extenso ou pequeno), outras uma “região” cuja extensão pode ser variável, outras uma aglomeração urbana, um bairro, uma aldeia e seu “terroir”, uma exploração rural e suas construções, uma clareira na floresta, um pântano, uma casa, etc. Essas extensões de tamanho bem desigual são representadas por cartas, cujas escalas são bem diversas: desde as cartas em pequeníssima escala que representam o conjunto do mundo até cartas e planos em escala bem grande, que representam, de maneira detalhada, espaços relativamente pouco extensos” (LACOSTE, 1989. p. 74).

Para o autor, a diferença entre as escalas não são apenas quantitativas, de acordo com o tamanho do espaço representado, mas também diferenças qualitativas, pois um fenômeno só pode ser representado numa determinada escala; em outras escalas ele não é representável ou seu significado é modificado e isso é um problema difícil, e que deve ser sempre levado em conta pelos pesquisadores. Apresentamos, a seguir, algumas ideias organizadas por geógrafos brasileiros e estrangeiros, que apresentam conceitos e metodologias próprios da ciência geográfica e que no nosso entendimento podem contribuir para o estudo e análise do fenômeno do efeito-vizinhança no desempenho de estudantes de escolas públicas.

Na obra de SANTOS & SILVEIRA (2004), as preocupações com as diferenciações no território, trazem contribuições importantes para compreensão do efeito-vizinhança. Para estes autores, as desigualdades territoriais do presente têm apresentado um vasto número de variáveis cuja combinação produz situações de difícil classificação. SANTOS & SILVEIRA examinam situações características como as zonas de densidade e rarefação, a fluidez e a viscosidade do território, os espaços da rapidez e da lentidão, os espaços luminosos e os espaços

opacos, os espaços que mandam e os espaços que obedecem além das novas lógicas centro-periferia. Quanto a existência de próteses no território, os autores afirma:

“É igualmente possível, para o território como um todo ou para cada uma das suas divisões, calcular densidades técnicas, informacionais, normativas, comunicacionais etc. Nesse caso, encontraremos no território maior ou menor presença de próteses, maior ou menor disponibilidade de informações, maior ou menor uso de tais informações, maior ou menor densidade de leis, normas e regras regulando a vida coletiva e, também, maior ou menor interação intersubjetiva”. (SANTOS & SILVEIRA, 2004. p. 261)

A compreensão do espaço a partir da densidade de seus equipamentos, pode nos auxiliar no mapeamento da estrutura de oportunidades disponibilizada aos estudantes.

Outra vertente dos estudos urbanos é a Geografia Cultural, onde o urbano pode ser analisado, segundo Corrêa (2003), por meio de diversas dimensões que se interpenetram. O autor dá destaque a dimensão cultura que possibilita ampliar a compreensão da sociedade em termos social, econômico e político. A partir da década de 1970 a Geografia Urbana começou a valorizar os processos contraditórios e os conflitos socioespaciais e passou a perceber a dimensão cultural que até então era tratada como resíduo. Partindo do princípio de que a cultura está expressa pela forma que uma sociedade se organiza, o autor entende que as técnicas associadas a produção e a função de enquadramento sociocultural, integram, regulam e enquadram a sociedade.

Metodologicamente, a Geografia Cultural pode trazer ao estudo do efeito-vizinhança na educação, o foco na análise dos significados que os diversos grupos sociais atribuem, em seu processo de existência, aos objetos e ações em suas espaçotemporalidades que inclusive podem ser mapeadas,

através de variáveis como tudo aquilo que é lembrado, imaginado e contemplado, real ou desejado e vivenciado ou projetado. O mapeamento destas variáveis subjetivas, permite a visualização do comportamento cultural e suas implicações no desempenho escolar e das escolhas dos estudantes em uma determinada estrutura de oportunidades. Ainda destacamos o conceito de Redes intra-urbanas. Um trabalho que trás importantes contribuições para nossos objetivos de estudo é a tese de doutorado de Haesbaert (1995). O autor analisa as redes de desigualdade e exclusão social intra-urbanas. Em sua tese, a expressão “aglomerados de exclusão” foi escolhida para traduzir a dimensão geográfica ou espacial dos processos mais extremos de exclusão social porque ela parece expressar bem a condição de “desterritorialização ou territorialização precária, concluindo que a exclusão social é definida a partir do território, e assim denomina de “aglomerados de exclusão” os territórios-zonas criados pela desterritorialização própria dos territórios-redes. Em sua visão, os “aglomerados de exclusão” são formados no momento em que os indivíduos perdem seus laços com o território e passam a viver numa mobilidade e insegurança. Assim, os “aglomerados de exclusão” seriam marcados então pela desterritorialização extrema, uma certa fluidez marcada pela instabilidade e a insegurança constantes, principalmente em termos de condições materiais de sobrevivência, pela violência freqüente e pela mobilidade destruidora de identidades. Tratam-se, portanto, de espaços sobre os quais os grupos sociais dispõem de menor controle e segurança, material e simbólica, a deterritorialização arrasadora dos aglomerados excludentes produz o anonimato, a anulação de identidades e a ausência praticamente total de autonomia de seus habitantes. Embora o foco da discussão deste autor seja o impacto provocado pelos grandes fluxos migratórios, numa escala regional, esta perspectiva de visão pode oferecer muito aos estudos sobre o efeito-vizinhança.

Entender e analisar as redes intra-urbanas pela identificação das necessidades e soluções encontradas pelas famílias da periferia urbana ou áreas de exclusão, pode nos auxiliar a compreender o efeito-vizinhança em áreas precárias. Entendendo os modelos de constituição e funcionamento das redes é possível apreender muito da dinâmica das comunidades precárias e principalmente como esta população planeja suas estratégias de tomada de decisão.

Na ciência geográfica e sem dúvida também na Geografia Urbana, a compreensão dos elementos básicos e suas definições são fundamentais para o emprego de uma metodologia de leitura da realidade. Portanto, alguns conceitos fundamentais como o conceito de espaço - que nos permite analisar e questionar como estas identidades e territorialidades são expressas e modificam a sua produção ou o conceito de paisagem - que é a base para a leitura de dados empíricos na Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto principal deste artigo foi o de levantar possíveis contribuições da Geografia e mais especificamente da Geografia Urbana para a compreensão do efeito-vizinhança no desempenho de estudantes de escolas públicas urbanas. Buscamos levantar teorias e metodologias presentes nas obras de geógrafos brasileiros. Consideramos que esta breve análise aqui realizada, sinaliza o grande potencial da Geografia Urbana em explicar questões hoje bastante discutidas no campo da educação. Embora já existam pesquisas no Brasil, conforme aqui apresentamos, que se preocupam em investigar a Geografia de oportunidades e o efeito-vizinhança, as contribuições teóricas e metodológicas da Geografia ainda são bastante tímidas.

A complexidade e a dinâmica das transformações na produção do espaço urbano promovem gradualmente a necessidade de um conhecimento aprofundado e a escola pública que está inserida neste espaço reflete toda essa dinâmica.

Esperamos aqui, despertar o interesse de Geógrafos Urbanos sobre a temática da Geografia de Oportunidades, certos de que os trabalhos aqui apresentados são apenas uma pequena amostra do potencial teórico e metodológico que pode ser oferecido pela Geografia Urbana. Consideramos ser necessário empreender novos estudos sobre a cidade e a estrutura de oportunidades, o que torna a Geografia Urbana um importante campo de investigação para atender essas demandas da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Irlane Gonçalves de. Geografia urbana: Questões sobre sua natureza e seu objeto. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano. São Paulo: Edusp, 1994. p. 129-135.
- AB' SABER, Aziz. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Estud. av.* [online]. 1994, vol.8, n.22, pp. 221-232. ISSN 0103-4014.
- ALVES, F.; FRANCO, C.; RIBEIRO, L. C. de Queiroz. Segregação residencial e desigualdade escolar no Rio de Janeiro. In: KAZTMAN, Ruben; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *A Cidade contra a Escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América*. Rio de Janeiro: LETRA CAPITAL, 2008.
- CASTRO, Iná Elias de, et ali (Org.), *Geografia: Conceitos e Temas*, Rio de Janeiro. Bertrand, 1995
- CORRÊA, Roberto Lobato. *A Rede Urbana*. São Paulo. Ática, 1994.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *A Geografia Cultural e o Urbano*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (org.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- EVANGELISTA, Hélio de Araujo. *Geografia Teórica, um registro: geografia quantitativa no Brasil, uma curta revolução, porém, uma revolução, não só quantitativa, mas acima de tudo epistemológica. Geo-Paisagem*, Rio de Janeiro, n. 12, 2007.
- DUBET, François. *A escola e a exclusão*. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 119, 2003.
- GALSTER, G.; KILLEN, S. *The Geography of Metropolitan Opportunity: A Reconnaissance and Conceptual Framework*. Alexandria: Housing Policy Debate, vol. 6, nº 1, pp.7-43, 1995.
- HAESBAERT COSTA, R. "Gaúchos" no nordeste: modernidade, desterritorialidade e identidade. 1995. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 1995. 385p
- RIBEIRO, L. C. de Queiroz; KOSLINSKI, Mariane C; ALVES, F. & LASMAR, Cristiane. *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. Rio de Janeiro: LETRA CAPITAL, 2010.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: RECORD, 2004.
- TORRES, Haroldo da Gama; MARQUES, Eduardo; FERREIRA, Maria Paula and BITAR, Sandra. *Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo*. *Estud. av.* [online]. 2003, vol.17, n.47, pp. 97-128. ISSN 0103-4014.
- LACOSTE, Yves. *A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1989.